

# É a Hora!

a mensagem da  
**MENSAGEM**  
de Fernando Pessoa

PAULO BORGES

# É a Hora!

a mensagem da  
**MENSAGEM**  
de Fernando Pessoa

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

## Introdução

**E**sta obra é fruto da leitura e do convívio assíduos, desde há quase 32 anos, com a *Mensagem*, o único livro publicado por Fernando Pessoa em vida em língua portuguesa<sup>1</sup>. Oferecemos aqui aos leitores uma interpretação e um comentário, poema a poema, da composição pessoana, integrando-os ao mesmo tempo numa interpretação e comentário globais, com o objectivo de decifrar a mensagem da *Mensagem*, tecida na trama das suas personagens, figuras e temas, explicitar os múltiplos sentidos e níveis de sentido do que a obra tem a dizer a todos os seus potenciais leitores e a intencionalidade com que o faz, que se nos afigura fortemente operativa e, a par da sua intemporalidade, eminentemente actual: *o espírito desta obra visa que, ao lê-la e compreendê-la, sejamos movidos para fazer aqui e agora alguma coisa de essencial, sermos agentes de uma transformação profunda, de nós mesmos, de Portugal e do mundo.*

*Mensagem* é uma palavra que vem do francês «*message*», procedente da antiga expressão francesa «*mes*» (enviado, mensageiro), do baixo latim *missaticum*, proveniente de *missus* (enviado), participio passado substantivado do verbo latino *mittere*, de onde derivaram «missão» e «missa». *Mittere* significa «lançar, largar, atirar»;

deixar de lado; enviar, mandar; mandar dizer, mandar por carta, escrever; dedicar; emitir, lançar, deixar ir, deixar partir, soltar, largar, atirar»<sup>2</sup>. Por outro lado, sabe-se que a palavra cifra uma passagem da *Eneida* de Virgílio: *Mens ag(itat) (mol)em*<sup>3</sup> – o pensamento / a inteligência / a mente impele / põe em movimento a massa (matéria) / multidão. O próprio título, que é sempre uma parte fundamental da obra e aquilo que a sintetiza, sugere assim que o livro é efectivamente um importante legado que o poeta, no previsto final da vida<sup>4</sup>, intencionalmente deixa como uma missiva que envia a todos os potenciais destinatários, qual derradeira mensagem contida numa garrafa e lançada ao mar do mundo para que chegue a todos os possíveis navegantes, costas e praias. *Mensagem* que, conforme o seu sentido cifrado, visa todavia um outro destino que não o de flutuar aleatoriamente ao sabor das ondas e marés dos acontecimentos e das consciências, mas antes dar-lhes uma direcção, movendo e orientando num dado sentido a massa passiva e inconsciente das coisas e/ou da mole humana, o que supõe nesta a potencialidade de deixar de o ser, despertando do sono que a equipara à matéria e orientando-se para um estado superior de consciência, mais fraterno e desperto.

Quanto ao conteúdo e aos possíveis destinatários da obra, parecem ser mais directamente Portugal e os portugueses, tendo a *Mensagem* como objecto mais evidente Portugal e o seu sentido, mediante uma leitura retrospectiva e prospectiva das principais figuras, mitos e símbolos da sua história e cultura. Sabemos, aliás, que o poeta quis dar à obra o título *Portugal*<sup>5</sup> e que fez uma alteração de última hora, conforme se pode constatar na correcção do original entregue para impressão<sup>6</sup>. Crê-se assim que a *Mensagem* é fundamentalmente um poema destinado aos portugueses acerca do sentido, destino, vocação, missão ou potencialidades de Portugal e é desse modo que o livro tem sido predominantemente considerado<sup>7</sup>. Sem negar a óbvia validade relativa dessa leitura, apresentamos aqui uma interpretação que, a partir do texto da obra, das intertextualidades implícitas e da sua relação com outros

textos do autor, a integra numa visão mais ampla e abrangente, onde o Portugal pessoano surge menos como ponto de partida e de chegada e mais como *mediação e/ou símbolo da mediação do ser humano, da consciência e da vida para um estado de pleno despertar e realização das suas melhores possibilidades, bem como para o estabelecimento de uma comunidade ético-espiritual segundo um novo paradigma civilizacional cuja universalidade transcende Portugal e qualquer nação, língua, cultura ou religião específicas*. Estamos convictos que a mais profunda mensagem pessoana acerca do sentido, vocação e potencialidades de Portugal e dos portugueses é precisamente a de os convocar a essa autotranscensão, o que mostra a *Mensagem* irredutível a constituir um poema nacionalista ou meramente patriótico no sentido comum.

Notamos que, desde 1912, nos ensaios sobre a «nova poesia portuguesa» que antecipam programaticamente a *Mensagem* e anunciam o «supra-Camões» e a superação da épica camonianiana, Pessoa proclama como «missão» actual dos portugueses «criar o supra-Portugal de amanhã»<sup>8</sup>, que na sua visão «a Pátria Portuguesa, como qualquer pátria, é apenas um meio de criar uma civilização»<sup>9</sup> e que essa civilização, da qual Portugal é mediador, assenta num novo paradigma, transcendente e inclusivo de todas as antinomias e cosmovisões anteriores, que Pessoa vê já presente na poesia portuguesa que vem de Antero de Quental até Teixeira de Pascoaes e aos seus continuadores. Designado em 1912 como «transcendentalismo panteísta»<sup>10</sup> e metamorfoseado em 1923 no «sermos tudo» ou no «Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa!», como resposta a uma pergunta sobre «o futuro da raça portuguesa», Pessoa torna claro que esse paradigma é o da totalidade e que a sua visão do sentido de Portugal é o de convergir para a superação da Portugalidade numa visão-experiência do mundo que transcenda toda a parcialidade e limitação identitária pessoal, nacional e religiosa – «Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé?» – num

estado pleno, integral e universal de consciência, holístico, que por natureza é a vocação suprema de todos os humanos e a todos igualmente acessível.

Pese a ambígua e problemática tendência de algum Pessoa para nacionalizar este impulso para o total e o universal, como se apenas os portugueses ou os portugueses mais do que outros povos fossem movidos por ele<sup>11</sup>, o que é um facto é que, nesta perspectiva, o que é nacional é o impulso para o não ser, para transcender a nacionalidade integrando-a numa esfera superior de consciência, pertença e participação. Pessoa assume aliás claramente a qualidade cosmopolita, não-nacional e não-portuguesa do «verdadeiro português», proclamando que «o nacionalismo é antiportuguês»<sup>12</sup>. Daí defendermos que o patriotismo pessoano, afim ao que encontramos no seu maior continuador a este respeito, Agostinho da Silva<sup>13</sup>, melhor se designará como aquilo a que chamamos *patriotismo trans-patriótico e universalista*<sup>14</sup>, cujo sentido desenvolvemos na conclusão do presente livro.

Sigamos então, passo a passo, poema a poema, este roteiro/ /guião que Pessoa nos deixou, portugueses e mulheres e homens de todo o Planeta, como derradeiro legado em vida. Haverá nele um fio de Ariadna que nos possa conduzir a salvo pelo labirinto do mundo, da existência e da consciência, neste momento crítico de Portugal, da Europa e da Terra? Estamos francamente convictos que sim e que a obra, a par e para além do seu valor poético-literário, é uma exortação, um manifesto e um guia indicador dos rumos de uma profunda mudança da consciência individual e colectiva, dos portugueses e dos cidadãos do planeta Terra, que nos permita viver de modo mais fraterno e desperto o ponto de mutação civilizacional em que nos encontramos<sup>15</sup>. Na verdade, como veremos, a *Mensagem* é a do espírito (*mens*) profundo que a tudo move e agita, gentes e coisas – *ag(ítat) (mol)em* –, cada ser humano, Portugal, demais povos, nações e o mundo, para que morram e ressuscitem, ou seja, se transmutem e metamorfoseiem, num patamar superior do ser e da consciência. No que respeita a Portugal,

trata-se de operar a morte de «Portugal» – como instituição e fenómeno histórico-cultural chegado ao esgotamento de um fim de ciclo, conforme já proclamado por Miguel Real<sup>16</sup> – no advento desse «supra-Portugal de amanhã»<sup>17</sup> designado como *Quinto Império*, ainda de acordo com a linguagem da tradição profético-messiânica judaico-cristã, europeia e portuguesa a que Pessoa recorre, mas que conforme veremos nada tem a ver com um poder imperial político-religioso, designando antes uma nova idade e atmosfera da consciência e do mundo, sob o signo de um novo paradigma civilizacional holístico, em termos espirituais e culturais, que reúna, preserve e sintetize a um nível superior o melhor e mais característico de todas as culturas e civilizações planetárias.

No momento da dramática falência do paradigma europeu-ocidental, o da civilização tecnocientífica, produtivista-consumista, financeira e mediática, globalizada numa escalada inédita da predação do Planeta e dos recursos naturais, da população humana e animal, da biodiversidade e da diversidade cultural, que nos deixa no limiar de um colapso ecológico-social, num momento em que mais do que nunca se aplica a Portugal, mas também à Europa e ao mundo, o diagnóstico certo do poema «Nevoeiro»<sup>18</sup> acerca da desorientação geral e ausência de liderança em que nos encontramos, num momento crepuscular em que se torna evidente que não podemos continuar como até agora, mas no qual muitos ainda não vislumbram claramente um novo rumo, cremos que uma leitura atenta da *Mensagem* pode conduzir a esse salutar e fraterno despertar da consciência individual e colectiva a que nos convocam as suas derradeiras palavras, «*Valete, Fratres*» («Saúde, Irmãos»), que comentamos com maior detalhe no final deste livro. É esse fraterno despertar da consciência que, emergindo deste «Nevoeiro» que ora somos, pode ser a aurora do des(en)cobrimto do Sol invicto de um Novo Dia.

Na verdade, esse Sol invicto, sem nascente nem poente, sem ocidente nem oriente, pode apenas estar desde sempre Encoberto na Ilha de Bruma do autodesconhecimento de cada um de

nós, leitoras e leitores, que ao reconhecer quem somos podemos des(en)cobrir-nos como o próprio «Rei» que «mora esperando» nessas «Ilhas Afortunadas» de que fala o poeta<sup>19</sup>. Pode ser esta a mais oportuna Hora de o/nos des(en)cobrirmos e reconhecermos a comunidade fraterna de todos os que, em todos os povos, nações, culturas, religiões e irreligiões, desde sempre convergem sem se conhecerem neste mesmo sentido de um despertar fraterno da consciência e da vida em busca de uma alternativa neocivilizacional ao colapso destrutivo do modelo globalizado da civilização europeia ocidental, que Pessoa viu como herança e resumo dos quatro impérios mundanos (Grécia, Roma, Cristandade, Europa) a serem transcendidos pelo *Quinto Império*, ou seja, pela nova idade do espírito e do mundo, que vem preservar e integrar numa unidade superior o essencial de todas as culturas e civilizações planetárias, não só ocidentais<sup>20</sup>.

Como mostramos no comentário ao primeiro poema da *Mensagem*, Pessoa assumiu Portugal como o «rostro»-essência da própria Europa no seu impulso e descentramento para o «Occidente» atlântico<sup>21</sup>, ou seja, para a sua morte e transfiguração, bem como do velho paradigma que ainda a domina, na alteridade ignota e universal que o Oceano simboliza e o *Quinto Império* designa. Portugal incarna em Pessoa a vanguarda da polaridade oculta, subterrânea e mais subtil da atracção do espírito europeu, não para o imperialismo etnocêntrico que caracteriza a sua história mais visível – movida pela «patologia do universal» enquanto ignorância da relatividade histórico-cultural dos modelos ideais supostamente superiores que pretende exportar para todo o Planeta<sup>22</sup> e pela obsessão neo-religiosa da modernidade com o progresso e o desenvolvimento infinitos<sup>23</sup> –, mas para o arrebatamento numa divina e fecundante alteridade, como sugere o mito do rapto de Europa por Zeus, adiante interpretado. Um dos múltiplos níveis de sentido da *Mensagem* pessoana reside assim no compromisso de Portugal e do que nele se simboliza com a mutação do paradigma civilizacional vigente e com o cumprimento de

uma outra Europa, a que aspira a emancipar-se do etnocentrismo obsessivo e a abrir-se à alteridade e multiplicidade dos modelos culturais planetários<sup>24</sup>, coligando o Oriente e o Ocidente, o Norte e o Sul, na emergência de uma nova constelação civilizacional, afim ao que se indica como *Quinto Império* e nós designamos como *visão armilar do mundo*<sup>25</sup>. Cremos residir aí a única possibilidade de regeneração, por auto-superação, do projecto europeu e cremos também que Portugal, o Brasil e o mundo lusófono, *desde que cumpram também uma auto-superação regeneradora, que os faça renascer emancipados do modelo civilizacional exclusivamente europeu ocidental*, podem assumir um papel fundamental como mediadores desse processo, invertendo e consumando o movimento iniciado por Portugal nos Descobrimentos: após havermos levado a Europa a todo o mundo, com todas as consequências ambivalentes disso, trata-se agora de trazeremos todo o mundo à Europa e à civilização europeia ocidental, como defendeu Agostinho da Silva, para que deste encontro surja uma nova civilização, planetária mas não refém de nenhum modelo etnocêntrico e parcelar.

O simples levantamento destas questões mostra a extrema actualidade da mensagem da *Mensagem* e o seu interesse maior para portugueses, brasileiros, lusófonos e cidadãos planetários. Com o profundo e grato sentimento de que todos nós, leitoras e leitores, estamos implicados neste processo extremamente desafiante e inspirador, inerente a novos, mais amplos e profundos Descobrimentos, já não geográficos mas espirituais e socioculturais, de que as primeiras foram apenas «o obscuro e carnal antearremedo»<sup>26</sup>, concluímos esta «Introdução» com as derradeiras palavras da *Mensagem*, cujo pleno sentido acreditamos que ficará mais claro com a leitura da presente obra:

*É a Hora!*

*Valete, Fratres*

Lisboa, Penha de França, 23 de Maio de 2013